



## **Grafite como linguagem: apontamentos teóricos e metodológicos de estudo sobre as interferências do espaço da cidade na manifestação do grafite<sup>1</sup>**

Ana Bárbara de Souza TEÓFILO<sup>2</sup>

Mirna Feitoza PEREIRA<sup>3</sup>

Valter Frank de Mesquita LOPES<sup>4</sup>

Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Manaus, AM

### **Resumo**

Este *paper* apresenta resultados parciais de pesquisa em andamento sobre o grafite como linguagem da cidade, no que toca especialmente à fundamentação e à metodologia empregadas. A pesquisa apresenta como *corpus* de análise os grafites encontrados ao longo das avenidas Constantino Nery e Djalma Batista, na cidade de Manaus. Apresentam-se as características estéticas e conceituais que definem e diferenciam o grafite e a pichação, bem como a interferência do grafite na cidade. Busca-se uma aproximação do conceito de espaço de Milton Santos (2008) com o conceito de semiosfera, de Lotman (1996). A cidade é tratada como sistema de comunicação e linguagem, partindo dos conceitos de semiosfera e semiose para a compreensão da comunicação enquanto semiose.

**Palavras-chave:** Comunicação; Grafite; Espaço; Semiose; Semiosfera.

Este projeto de iniciação científica consiste num estudo da comunicação a partir das interferências do espaço urbano nos sistemas de signos do grafite. Isto implica entender o grafite como produção de linguagem codificada por sistemas de signos em pleno espaço da cidade, utilizando como suporte muros, fachadas, paredes, entre outras construções. O grafite também é entendido como forma de expressão artística contemporânea que incide no espaço urbano.

Considerando a cidade dinâmica, portanto, em constante metamorfose, e sendo ela mesma suporte para o grafite, o projeto em andamento tem como problema o espaço

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Junior (IJ) – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 1 a 3 de junho de 2011.

<sup>2</sup> Estudante do 7º período da Licenciatura em Artes Plásticas da UFAM. Bolsista do PAIC/Fapeam, email: barbarateofilo7@hotmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFAM, email: mirnafeitoza@uol.com.br.

<sup>4</sup> Pesquisador-colaborador do trabalho. Professor do Curso de Licenciatura em Artes Plásticas da UFAM, email: valtermesquita@hotmail.com.



do grafite na cidade: de que modo ele interfere nos sistemas de signos dessa forma de expressão contemporânea?

O objetivo geral da pesquisa é explorar a produção de linguagem do grafite a partir das interferências do espaço da cidade, tendo como objetivos específicos: (i) identificar as interferências do espaço urbano na manifestação do grafite; (ii) elaborar um mapa dos espaços semióticos do grafite na cidade; (iii) desenvolver banco de dados com registros do grafite no espaço urbano.

A sustentação teórica da investigação está baseada no conceito de semiose, de Charles Sanders Peirce, a partir do qual a comunicação é entendida como processo semiótico, e no conceito de semiosfera, de Yuri Lotman (1996), que se refere à cultura como espaço semiótico necessário ao funcionamento e à existência das linguagens, da comunicação e da semiose. Conforme Lotman (1996), toda e qualquer linguagem está imersa num espaço semiótico e só pode funcionar em interação com esse espaço. O conceito de espaço de Milton Santos (1999), que permite refletir sobre as condições do espaço, de sua dinâmica, também integra o referencial teórico da pesquisa, sendo utilizado para conceituar o espaço da cidade.

Intitulado “Grafite como linguagem da cidade: um estudo da comunicação a partir das interferências do espaço urbano na manifestação do grafite na cidade de Manaus”, o projeto é realizado no âmbito do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), com bolsa PAIC/Fapeam. Está vinculado ao projeto de pesquisa “Espaços semióticos urbanos: um estudo da comunicação a partir das interferências do espaço urbano na dinâmica dos sistemas de signos”, coordenado pela Profa. Dra. Mirna Feitoza Pereira, com apoio do CNPq e da Fapeam, por meio do Programa Primeiros Projeto (PPP).

Este *paper* apresenta apontamentos teóricos e metodológicos parciais desse estudo do grafite como linguagem da cidade. Está dividido em cinco partes. Na primeira, apresenta-se o conceito de grafite sua relação com a cidade; na segunda parte, estuda-se o espaço semiótico da cidade; na terceira, encontra-se a cidade como comunicação; na quarta são detalhadas os materiais e métodos utilizados na pesquisa; e na última parte, são detalhados os progressos alcançados até o momento com a realização das observações preliminares nas avenidas Constantino Nery e Djalma Batista.

Espera-se que a pesquisa ofereça uma contribuição diferenciada para as discussões científicas em torno da compreensão do espaço da cidade na cultura contemporânea, sobretudo na área da Comunicação, onde a pesquisa e o ensino ainda são notadamente marcados pelos estudos dos meios de comunicação, em detrimento dos processos e contextos envolvidos no ato comunicativo em suas mais diversas manifestações. Busca-se também que o estudo provoque impacto e repercussão nas áreas envolvidas, a saber, Comunicação, Artes Visuais, Geografia, Semiótica, sobretudo no que toca o reconhecimento da cidade como espaço dialógico e inventivo das linguagens e da comunicação na cultura.

A seguir, apontamentos iniciais sobre a fundamentação teórica da pesquisa.

### **O grafite e a cidade**

Celso Gitahy (1999) faz um panorama do grafite<sup>5</sup> no Brasil, que foi reconhecido como linguagem artística nos anos 1980, e dos fatores que favoreceram seu surgimento, suas tendências e seus estilos que compõe o visual urbano.

Manifestações pictóricas semelhantes ao grafite sempre acompanharam o homem desde tempos remotos, quando na Idade da Pedra o homem já sentia a necessidade de se expressar por meios de imagens, desenhos nas paredes das cavernas. Por volta do século XIX foram descobertas inscrições nos muros de Pompéia (Itália) com características que se aproximam da pichação. Eram frases de protestos, xingamentos e propagandas.

Johannes Stahl (2009) define o grafite a partir da origem de seu vocábulo, que vem do italiano *sgraffire*. Assim, “o *sgraffiti* é uma técnica de decoração de fachadas, segundo a qual se sobrepõem várias camadas de *stuque*”. (STAHL, 2009, p. 6)

Conforme Knauss (2001), o grafite nasceu da evolução dos *tags*. Os *tags* funcionam como a assinatura para o grafiteiro (Figura 1). Para o autor, os *tags* foram a base do desenvolvimento gráfico do grafite, que evoluíram de soluções alfanuméricas para as logotípicas das letras emboladas, com detalhes figurativos, tridimensionais. “A arte dos tags permite portanto a variação de estilos”, continua, “no princípio, o movimento

---

<sup>5</sup> Neste artigo usaremos o termo português **grafite** em vez de *graffiti*, já que não há consenso entre os autores no que diz respeito à grafia do termo.

concentrou-se nos suportes fixos – muros e fachadas. A inovação veio no ano de 1973 com o primeiro vagão de metrô inteiramente grafitado” (KNAUSS, 2001, p. 335).



Figura 1 – Exemplo de assinatura (*tag*) na fachada de uma fábrica desativada na Av. Constantino Nery.

Fonte: MESQUITA, Valter. **Sem título**. 2010. Fotografia digital.

O grafite interfere na leitura dos espaços urbanos, e os grafiteiros, aqueles que praticam o grafite, acreditam que seus desenhos possam ser vistos e interpretados por pessoas de qualquer segmento social e têm caráter efêmero e gratuito. A maioria dos grafites representa algo para o grafiteiro ou para o mundo que o rodeia. É uma necessidade básica do ser humano de se comunicar através de imagens e textos. Na história humana, sempre existiram paredes com pinturas e desenhos, e nas paredes de creches encontramos testemunhos de uma necessidade básica. (STAHL, 2009, p. 15).

Segundo Gitahy (1999), a linguagem do grafite tem características conceituais e estéticas. São elas:

Estéticas:

- Expressão plástica figurativa e abstrata;
- Utilização do traço e/ou da massa para definição de formas;
- Natureza gráfica ou pictórica;



- Utilização de imagens do inconsciente coletivo, produzindo releituras de imagens já editadas e/ou criações do próprio artista;
- Repetição de um mesmo original por meio de uma matriz (máscara), característica herdada da *pop art*;
- Repetição de um mesmo estilo quando feito a mão livre.

Conceituais:

- Subversivo, espontâneo, gratuito, efêmero;
- Discute e denuncia valores sociais, políticos e econômicos com muito humor e ironia;
- Apropria-se do espaço urbano a fim de discutir recriar e imprimir a interferência humana na arquitetura da metrópole;
- Democratiza e desburocratiza a arte, aproximando-a do homem, sem distinção de raça ou de credo;
- Produz em espaço aberto sua galeria urbana, pois os espaços fechados dos museus e afins são quase sempre inacessíveis.

Borelli e Oliveira (2008) definem o grafite como uma forma de expressão gráfica do hip-hop que teve origem nas comunidades negras de Nova York, onde começaram a ser expostas uma grande quantidade de rabiscos identificando caligrafias de indivíduos e gangues. Aos poucos, os rabiscos foram evoluindo; os contornos ficaram mais largos e ganharam cores na tentativa de diferenciação e exclusividade. Com o passar do tempo, essa cultura de rua construiu um proveitoso diálogo com as artes gráficas.

Essas características estão presentes no grafite e o definem enquanto linguagem. Essa linguagem, como um conjunto de formas que se apropriam dos espaços urbanos, é analisada a partir de seus usos no espaço da cidade por Marcelo Matheus de Medeiros (2008). O autor investiga o suporte do grafite a partir da resignificação da cidade, abordando as atitudes dos grafiteiros e seu espaço. Esse espaço são avenidas de grande movimento e geralmente próximos ao centro da cidade. São justamente esses espaços que os grafiteiros disputam buscando visibilidade e reconhecimento.



Intervindo nos elementos que compõe o espaço, os grafiteiros acabam por modificá-lo, sendo este um conjunto formado por escadarias, muros, becos, fachadas, etc. Desse modo, torna-se importante conhecer como é constituído o espaço para então compreender-se as interferências deste no próprio grafite.

### **O Espaço da Cidade e o Espaço Semiótico**

A natureza do espaço é discutida por Milton Santos (1999) a partir de alguns conceitos, tais como técnica, objetos naturais e técnicos, tempo e espaço, entre outros. O autor procura analisar os elementos estruturais que compõe os vários conceitos estudados e suas relações. Conforme Santos (1999), as ações e os objetos têm um elemento principal que é mediador, que são as técnicas. Conforme ele, “as técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”. (SANTOS, 1999, p. 25)

A técnica resulta na criação de espaço da qual o homem utiliza para criá-lo. O espaço é criado na medida em que o homem atua, constrói e utiliza da técnica para viver e produzir. Para Santos (1999), toda técnica é história, se ela possui memória e armazena informação. Se a técnica é feita pelo homem, então, o homem armazena informações a partir do momento em que gera técnica ou transforma e a faz funcionar.

Milton Santos (1999) trata também da questão que constitui o objeto técnico, e diz que este é transformado pelo homem, ou criado para o uso da atividade humana. O homem o utiliza para executar, criar, produzir e atuar no espaço, diferentemente do objeto natural, que está na natureza sem a intervenção do homem.

O espaço é formado por objetos técnicos e naturais, mas ele também os determina, uma vez que ele é constituído por um conjunto de objetos organizados e utilizados segundo uma lógica. O espaço é criado conforme o homem vive e atua nele. A intervenção do homem cria o espaço. De acordo com Santos (1999), o espaço “é um misto, um híbrido, um composto de formas-conteúdo” (SANTOS, 1999, p. 19).

Iuri Lotman (1996) conceitua semiosfera por analogia ao conceito de biosfera de Vernadski, a ideia de semiosfera.

La separación de éstos [sistemas] está condicionada únicamente por una necesidad heurística. Tomado por separado, ninguno de ellos tiene, em realidad, capacidad de trabajar. Sólo funcionan estando sumergidos en un *continuum* semiótico, completamente ocupado por formaciones semióticas de diversos



tipos y que se hallan en diversos niveles de organización. A ese *continuum*, por analogía con el concepto de biosfera introducido por V.I. Vernadski, lo llamamos semiosfera. (LOTMAN, 1996, p. 22)

Para Machado (2007), a semiosfera pode ser compreendida como “um ambiente no qual diversas formações semióticas se encontram imersas em diálogo constante, um espaço-tempo, cuja existência antecede tais formações e viabiliza o seu funcionamento” (MACHADO, 2007, p. 34).

A semiosfera é um espaço semiótico composto de várias linguagens relacionadas entre si. Portanto, por ser linguagem, o grafite se encontra imerso nesse espaço, relacionando-se com outras linguagens que constitui o mesmo espaço semiótico. É nesse contexto que se procuram identificar as interferências dos sistemas de signos presentes nesse espaço, que é onde a comunicação ocorre.

Uma vez que se propõe a explorar as interferências do espaço da cidade nos sistemas de signos do grafite, a aproximação entre os conceitos de espaço de Santos (1999) e de semiosfera de Lotman (1996) se faz necessária. Ela é construída a partir da reflexão conceitual acerca dos dois conceitos e da identificação, na experiência de campo, das interferências do espaço da cidade nos processos comunicativos do grafite.

### **A Cidade como Comunicação**

A compreensão da cidade enquanto comunicação é outro ponto chave para se identificar e entender a interação de diversos sistemas semióticos relacionados com o grafite no espaço da cidade.

Borelli e Oliveira (2008) sugerem que os elementos que compõem o espaço interferem na forma deste, quando dizem que “a ‘paisagem’ é sugerida como ‘sufixo’ para captar a “forma fluida e irregular destes horizontes” (BORELLI; OLIVEIRA, 2008, p. 112).

As autoras apresentam um discurso coerente com Ferrara (2009), quando esta trata a cidade como resultado da atuação de um conjunto de elementos dinâmicos denominados contexto urbano. Esse contexto é composto por ruas, muros, escadarias, fachadas, etc. (FERRARA, 2009).



A cidade é tratada como comunicação porque o contexto urbano se constitui como conjunto de elementos significativos da reflexão sobre a própria cidade, e que qualquer alteração nesse contexto implica mudança em seu significado.

Conforme Lotman (1996), somente dentro do espaço semiótico, que resultam possíveis a realização dos processos comunicativos e a geração de sentido ou significados.

Outro conceito importante para compreensão da cidade como comunicação é o conceito de semiose introduzido por Charles Sanders Peirce. Irene Machado (2003) compreende que a semiose é a interatividade dialógica entre as diversas linguagens presentes no espaço semiótico. Esse entendimento de que a semiose não acontece dentro de um sistema, mas entre os diversos sistemas entrelaçados no espaço semiótico, contribui para definirmos a comunicação como semiose (MACHADO, 2003).

## **Materiais e métodos**

A pesquisa em execução adota uma visão transdisciplinar dos processos comunicativos, uma vez que os fundamentos para a compreensão do objeto encontram-se na intersecção das Artes, da Comunicação, da Semiótica e da Geografia.

A transdisciplinaridade, conforme Ramos (2009), está ao mesmo tempo no campo disciplinar, entre as diversas disciplinas, podendo ir além, ao procurar a compreensão do mundo por meio da unidade do conhecimento. De acordo com ele, essa abordagem rompe com as dualidades (sujeito-objeto, matéria-consciência, simplicidade-complexidade, reducionismo-holismo), reintegra o sujeito na construção do conhecimento, considera que o conhecimento e o pensamento estão em constante movimento, ultrapassando o pensamento clássico e abarcando vários níveis da realidade. (Ramos, 2009, p. 15)

Uma vez que explora a dinâmica comunicativa da cidade por meio dos processos semióticos, a pesquisa requer a adoção do ponto de vista semiótico para os estudos da comunicação (Machado, 2001, pp. 279-309), que consiste focar no funcionamento dos processos do signo e da significação. Assim, o objeto será abordado a partir da semiose, do princípio de autogeração dos signos que garante às mensagens, como sistemas organizados de signos, uma dinâmica dialógica e inventiva na cultura. Na abordagem





semiótica da comunicação, a semiose é o que permite focalizar as instâncias da comunicação como lugar de produção de mensagem, de transformação da informação em signo, de geração e circulação de sentido, de construção de campos de significação, de criação de circuitos de responsabilidade. (Machado, 2001, p. 282).

Com relação aos fins, trata-se de pesquisa básica, voltada à compreensão teórica dos processos comunicativos. Em sua natureza, a pesquisa é qualitativa, pois busca o reconhecimento das qualidades do espaço de produção de linguagem do grafite, valorizando a interpretação das relações envolvidas nesse contexto.

Para Minayo (2001, p.14), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e nos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Com relação aos objetivos, trata-se de pesquisa exploratória, uma vez que se volta a explorar a produção de linguagem do grafite a partir das interferências do espaço urbano. Com relação aos meios de investigação, envolve pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica envolve levantamento, leitura, fichamento, resumo e resenhas de referências teóricas já analisadas e publicadas em meios impressos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de internet sobre o tema estudado.

A pesquisa de campo se dará por meio de observação sistemática, com registro dos dados efetuado em formulário desenvolvido especialmente para este fim, além de produção de registros fotográficos do *corpus* de análise. O instrumento de coleta foi montado a partir de observações assistemáticas de reconhecimento do objeto e do avanço na compreensão da fundamentação teórica e dos métodos empregados.

Os dados coletados serão analisados através de análise interpretativa, especialmente à luz dos conceitos de semiosfera (Lotman, 1996) e de espaço (Santos, 2008), envolvendo (i) formulação de afirmações, principalmente através de indução; (ii) revisão do corpo de dados para testar e tornar a testar a veracidade das afirmações em face das evidências, e (iii) reformulação das afirmações, sempre que isso se tornar necessário.

## Considerações Finais

No dia 29 de agosto de 2010 foi realizada uma primeira observação preliminar das manifestações do grafite na Avenida Constantino Nery. Saiu-se em grupo para fazer a primeira observação de campo onde, ao longo da avenida, notou-se inúmeras pichações e grafites. Quanto à pichação, foram encontrados em grande quantidade em muros e prédios particulares e abandonados, entre eles, o da antiga fábrica Papaguara (Figura 2 e 3) e na antiga fábrica da Coca-cola. Eram pichações com frases de protestos, palavrões, dedicatórias, algumas quase ilegíveis devido às estilizações dos pichadores.



Figura 2 – Pichação localizada na fachada da antiga fábrica Papaguara.  
Fonte: MESQUITA, Valter. **Sem título**. 2010. Fotografia digital.



Figura 3 – Pichação no muro do Parque dos Bilhares.  
Fonte: TEÓFILO, Bárbara. **Sem título**. 2010. Fotografia digital.

Na área que foi observada, existem muros de grandes extensões com grandes grafites, com temas variados, multi-coloridos, desenhos figurativos, abstratos, surrealistas e letras desenvolvidas pelos próprios grafiteiros (Figura 4). Percebeu-se uma concentração maior de grafite no lado da Avenida Constantino Nery no sentido Centro – bairro.



Figura 4 – Grafite localizado em um muro em frente a Escola Solon de Lucena.  
Fonte: TEÓFILO, Bárbara. **Sem título**. 2010. Fotografia digital.

Uma segunda observação de campo foi realizada na Avenida Djalma Batista no dia 02 de Novembro de 2010. O registro foi efetuado a partir da parada de ônibus em frente ao Amazonas Shopping até o fim da avenida onde existe um retorno (Figura 5), o percurso foi fotografado dos dois lados.



Figura 5 – Grafite localizado em um muro na Avenida Djalma Batista.  
Fonte: TEÓFILO, Bárbara. **Sem título**. 2010. Fotografia digital.

Há uma grande variação de grafites e pichações em lugares altos e surpreendentes, como prédios e estabelecimentos comerciais.

O grafite está presente em vários muros da avenida. As grandes extensões de grafites estão localizadas em muros grandes, como os situados atrás de uma parada de ônibus, em frente ao Shopping Millenium, no sentido centro-bairro, e no muro entre o posto de gasolina e algumas lojas comerciais no sentido bairro-centro.

Durante as duas observações de campo percebeu-se que a Avenida Constantino Nery tem uma quantidade de muros e terrenos baldios maior que a Avenida Djalma Batista, e que esta concentra um maior número de estabelecimentos comerciais (Figura 6).



Figura 6 – Pichação na fachada de uma loja na Avenida Djalma Batista.  
Fonte: TEÓFILO, Bárbara. **Sem título**. 2010. Fotografia digital.

Por meio dos registros fotográficos efetuados nesse período, foi possível identificar maior concentração de grafites na Avenida Constantino Nery, sendo que a Avenida Djalma Batista apresenta um grande número de pichações<sup>6</sup>, principalmente em prédios e estabelecimentos comerciais. Essa percepção se deve à suposição de que os muros e os terrenos baldios favorecem à manifestação do grafite, e que as pichações

<sup>6</sup> Esta pesquisa está focada no grafite, no entanto, pode-se compará-lo com a pichação como parâmetro para análises.



encontradas na Avenida Djalma Batista estão mais presentes nas portas de lojas comerciais. No dia em que foi realizada a observação nessa avenida, era feriado, portanto, as lojas estavam fechadas (Figura 6), facilitando a identificação das pichações em suas portas.

No registro visual do objeto, utilizou-se uma máquina fotográfica semi-profissional de 10.1 megapixel. Na avenida Constantino Nery foram registradas 252 fotografias. Esse registro abarca as áreas partindo do muro da Ambev até a antiga fábrica Papaguara. Já na avenida Djalma Batista foram fotografadas 139 fotos, a partir da passarela próxima ao Amazonas Shopping até outra passarela próxima ao Viaduto da avenida Boulevard Álvaro Maia.

## Referências

BORELLI, Silvia Helena Simões; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. Vida na metrópole: comunicação visual e intervenções juvenis em São Paulo. *In: PRYSTHON, Angela; CUNHA, Paulo (orgs). Ecos urbanos: a cidade e suas articulações midiáticas.* Porto Alegre: Sulina, 2008.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **A estratégia dos signos: linguagem, espaço, ambiente urbano.** São Paulo: Perspectiva, 2009.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

KNAUSS, Paulo. Grafite urbano contemporâneo. *In: TORRES, Sonia. Raízes e rumos: perspectivas interdisciplinares em estudos americanos.* Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2001.

LOTMAN, Y.. **La semiosfera I.** Semiótica de la cultura y del texto (selección e traducción del ruso Desiderio Navarro). Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València, 1996.

MACHADO, I. O ponto de vista semiótico. *In: FRANÇA, V.V., HOHLFELDT, A., MARTINO, L.C.. (org.). Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências.* 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. (org.). **Semiótica da cultura e semiosfera.** São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

MEDEIROS, Marcelo Matheus. **O que dizem os muros da cidade.** Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do rio de Janeiro, 2008.

POLISTCHUK, I. & TRINTA, A.R.. **Teorias da comunicação.** O pensamento e a prática da comunicação social. 6ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.



SANTOS, D.. **A Reinvenção do espaço**. Diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

SANTOS, M.. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 1999.

STAHL, Johannes. **Street art**. Königswinter, Alemanha: H.F. Ullmann, 2006.